

Melissa de Aveiro

UM NOVO ANO



Tecto de Nuvens

Sim, finalmente tinha acontecido!
Os pais de Marta, Carlos e Clara, contaram-lhe que ela iria ter um irmão/irmã, colmatando assim, talvez, o sentimento de “ninho vazio”.

Isso alegrou-a um pouco, mas não tanto quanto deveria... É que depois “daquele” acontecimento, Marta deixara de sentir alegria extrema. Não se autorizava a isso, com medo de que, se o sentisse novamente, a vida a puniria com uma dor ainda maior.

Fazia perto de um ano que Luan partira. A vida seguira sem esperar pelo atenuar da mágoa. Mas a vida era assim mesmo! Não esperava por ninguém...

O polo de Belas Artes situava-se no lado norte do Campo Universitário. Marta optara, com orientação dos pais, por ficar hospedada na residência de estudantes.

Por vezes ainda não acreditava que tinha conseguido fazer a candidatura para aquele curso! Principalmente com o apoio dos pais, que sempre deduziu mostrarem-se relutantes sobre esse seu desejo. Mas tudo mudou, naquele Natal em família, quando a mãe lhe ofereceu uma mala com tintas e um cavalete. Era o que demonstrava que a vida era inesperada!

Sendo uma viagem de aproximadamente três horas de comboio, facilitava a ida a casa em alguns fins-de-semana, sem ser só em época de férias.

Voltar a casa fazia-a sentir-se feliz e vazia, em simultâneo. Nada tinha realmente mudado, por ali! A relação dos pais mantinha-se estável e segura. Jack, o seu cão resgatado do canil, continuava a recebê-la com o mesmo ritual de festas e lambidelas. Continuava a encontrar-se com as suas melhores amigas: Nancy – a miúda simples, dos cabelos ruivos e sardas no nariz e Micaela – a rapariga rude que se revelara ser totalmente o oposto disso. Era mais fácil encontrar-se com Micaela pois andavam na mesma universidade, embora ela tivesse optado pelo curso de Moda e Marketing.

Apesar de, na teoria, tudo se mostrar praticamente igual, na prática tudo parecia relativamente diferente, sem Luan. Os espaços

tinham outra cor, o som dos seus pés naquelas ruas, era diferente... Em tudo, tinha ficado um vazio inconsolável.

Por vezes dava por si a olhar para o céu, agarrada ao pingente da lua que trazia ao peito, oferecido por Luan. Seria para lá que as pessoas iam, depois de deixarem a terra dos vivos? Lembrava-se das conversas com Luan, das suas dúvidas sobre o que lhe esperava. Olhava para o céu sobretudo à espera de qualquer espécie de sinal por entre as estrelas, de que ele, talvez, pudesse estar por ali. Havia alturas que parecia que sim, mas depois... depois era apenas e somente solidão.

O livro do “Triângulo das Bermudas” tornou-se numa espécie de companheiro. Andava com ele para todo o lado. Tinha sido o último livro que Luan lera e onde lhe deixara o bilhete que ainda resistia, mesmo após ter sido dobrado e desdobrado mais de mil vezes, lido e relido. O bom das palavras escritas é que elas não se desvaneciam com o vento. Mas nem sempre causavam a mesma sensação, quando lidas em dias diferentes.

Foi numa dessas tardes, em que o sol brilhava e ela estava sentada na relva do Campo Universitário, que *ele* tropeçou nela. Vinha distraído agarrado ao *Ipad*. Marta nem se apercebeu do que tinha acontecido. O Triângulo das Bermudas voou-lhe das mãos e caiu, aberto, deixando visível o bilhete manchado, frágil e débil. A sua única preocupação era apanhá-lo para que não voasse. Ergueu-se agilmente, preocupada e agachou-se para o recolher.

– Desculpa. – Disse a voz desconhecida, por trás de si. – Eu não te vi...

Marta premiu os lábios, pronta para discutir. Mas assim que virou a cara, nada disse. Engoliu as palavras, suspirou e encolheu os ombros.

Em pé, ao seu lado, estava um rapaz de pele clara, com cabelos castanhos e camisa de ganga. Tinha sobrancelhas ligeiramente grossas e barba pouco farta que cobria um sorriso simples de lábios carnudos.

– Deixa-me ajudar-te a levantar. – Ofereceu-se. Esticou-lhe a mão.

Marta ignorou a oferta e levantou-se com o livro fechado, numa das mãos.

– Eu estou bem. – Acabou por dizer, apática.

O rapaz ficou a olhar para ela, por segundos, calado. Arrumou a mão, à pouco estendida, no bolso das calças.

– Sim, eu sei... é estúpido. – Acabou por dizer. – Atualmente, as pessoas estão sempre agarradas à tecnologia e não veem onde metem os pés.

– Estás a falar de ti, portanto. – Arrematou Marta, desinteressada.

– Mais ou menos. – Disse o rapaz, mantendo um tom animado. – Não é que eu não goste de livros... – Notou, ao observar Marta a arrumar o livro na mochila. – ***O Triângulo das Bermudas***... – Murmurou. – Gostas de mistérios! – Deduziu.

– É uma longa história. – Notou Marta. – Não irias entender. – Disse-lhe.

– Talvez ma possas contar? – Verbalizou o rapaz, curioso.

Marta pestanejou, desconfortável com a intromissão. Ajeitou a mochila nos ombros.

– Tenho de me ir embora. – Referiu, num tom seco.

Observou o espaço em redor. Pequenos grupos de estudantes estavam espalhados aqui e acolá. Marta viu os cabelos loiros inconfundíveis de Micaela a esvoaçarem a poucos metros de distância. Começou a afastar-se para lá.

– Mas nem me disseste o teu nome! – Disse o rapaz, já afastado.

Marta ignorou-o e, sem olhar para trás, continuou a andar.

Micaela estava sentada num banco. Levantou-se mesmo antes de Marta chegar ao pé dela.

– Bem... o que se passou ali entre ti e o William?

– Entre mim e quem?! – Questionou Marta.

Micaela olhou-a com as sobranceiras erguidas, chocada com a pergunta.

– Mas onde tens estado escondida? – Perguntou-lhe.

– Como assim? – Referiu Marta, sem perceber onde a amiga queria chegar com aquela conversa.

Micaela colocou o braço sobre os seus ombros e arrastou-a, enquanto caminhavam pelo passadiço.

– Não sabes quem é o William!? – Perguntou, boquiaberta.

– Ele entrou em alguma série de “Morangos com Açúcar”? – Questionou Marta.

– Não!

– Fez algum filme recentemente?

– É óbvio que não! – Exclamou Micaela.

– Então, obviamente, não sei quem é... – Notou Marta, encolhendo os ombros.

Micaela parou o passo e fixou-se agora em frente a Marta. Colocou as mãos nos seus ombros.

– Ele ganhou uma bolsa de estudos! É o capitão da equipa de futebol universitária. – Contou. – Está no segundo ano do curso de Licenciatura em Fotografia e costuma estar em todas as festas académicas. – Referiu numa tentativa de a elucidar sobre algo que ela pudesse ter esquecido.

– Ah! – Exclamou Marta parecendo que se tinha lembrado, mas só que não. – Não faço a mínima ideia de quem seja. Eu ainda não fui a nenhuma dessas festas! – Disse-lhe. – E nem sabia que a universidade tinha uma equipa de futebol... – Fez um sorriso amarelo.

– Marta! – Repreendeu-a Micaela, atónica.

– Estou a brincar. – Disse-lhe Marta. – Bem sei que te juntaste recentemente à Claque Desportiva. – Indagou. – Agora sobre esse William... – Encolheu os ombros. – Não o conheço.

Micaela abanou o rosto, em reprovação. O seu telemóvel azul brilhante começou a tocar alto, num som musical um quanto piroso. Era Fernando que lhe ligava (o rapaz com quem Marta tinha ido ao Baile de Natal do ano anterior e que tinha rejeitado. Ele agora namorava com Micaela, um namoro à distância).

– Falo com ele depois! – Referiu Micaela. Rejeitou prontamente, sem dó nem piedade, a chamada, com o dedo polegar de unha cor-de-rosa. – Onde é que íamos?

– Continuamos no mesmo lugar... – Notou Marta.

Micaela suspirou.

– Eu sei, querida. Tu ainda continuas no “mesmo lugar”. – Disse-lhe. – Sabes... Já passou um ano... – Notou preocupada.

– Quase um ano. – Corrigiu-a Marta. – Mas quem está a contar... – Referiu a última parte, num murmurejo.

Micaela abriu muito os olhos, pensativa, sem saber mais como cativar Marta.

– Eu sei, eu sei. Tens razão... – Suspirou. — Tenho de ser mais sociável... – Forçou um sorriso. – Eu vou tentar! – Referiu Marta, sem saber se acreditava no que estava a dizer.

– Podemos começar por aqui! – Disse Micaela. Esticou-lhe um folheto em papel reciclado.

Júlia estava no quarto. Ia fantasiar-se de vampiro. Estava debruçada sobre a cama, a passar a ferro a capa vermelha, do fato.

Marta tinha combinado encontrar-se com Micaela pelas vinte e uma horas, no *ball*, ao pé da biblioteca. Uma vez que ainda era cedo, aproveitou para ver alguns *e-mails* e acrescentar notas aos trabalhos que andava a adiantar.

– A tua fantasia é o máximo! – Notou Júlia, ao observar a fantasia de Marta, disposta sobre a cama.

– Obrigada. Estava quase para não ir...

– Se quiseres, podes vir comigo! – Convidou-a.

Marta sentiu-se um pouco mal. Era a segunda vez que Júlia a convidava para alguma coisa e que ela recusava.

– Eu não vou ficar muito tempo... – Desculpou-se.

Júlia encolheu os ombros, não parecendo ofendida.

– Fica para uma próxima. – Disse, amável. – A propósito, o teu cabelo está o máximo!

Marta sorriu.

Júlia voltou a concentrar-se na sua tarefa de passar a ferro.

– Hey, vocês ainda se juntam naquele grupo de...?

– *Workshop* de Rabiscos Pedagógicos? – Lembrou Júlia.

– Isso! – Disse Marta, triunfante.

– Sim! Todas as quintas-feiras.

– Achas que eu poderia ir? Bem... sei que já me tinhas convidado, mas eu nunca apareci... – Desculpou-se.

– Mas é claro! Isso iria ser divertido! – Concordou Júlia.

Marta esboçou um sorriso e voltou a focar-se no computador.

O pai tinha-lhe enviado um *e-mail*.

“Olá pequenina! Como está a correr a semana? Quando vens a casa, novamente? Estamos com saudades!”

Anexado, tinha enviado uma foto deles os três: a mãe, o pai e o cão, Jack. Marta sorriu assim que a abriu. Decidiu responder.

“Olá pai.

Por este lado está tudo igual: estudantes, aulas e trabalhos infinitos. Hoje vou a uma festa de Halloween com a Micaela. Bem... sei que já passaram dois meses de aulas, mas ainda não fiz outras amizades...

Estou a pensar ir a casa, no próximo fim-de-semana.

P. S. - Dá festas ao Jack e um beijo à mãe.

Até breve.”

Carregou no botão de enviar e desligou o computador.

Júlia tinha acabado de se vestir.

– Então, que tal estou?

– Muito vampiresa! – Concordou, ao ver os dentes postiços de plástico, aguçados, a saírem-lhe por cima do lábio superior.

Alguém bateu à porta. Júlia abriu. Eram as amigas dela.

– Bem, vejo-te mais logo! – Disse, entusiasmada.

Fechou a porta após sair.

Marta ficou sozinha. Afastou o fato e deitou-se em cima da cama. Sorveu o silêncio. A noite começava a cair, estendendo a sua escuridão ao interior do quarto, pela janela. Mirou as horas. Eram perto das vinte e trinta. Seria melhor começar a preparar-se para ir ter com Micaela. Vestiu a fatiota de ovo. Pelo menos era quentinha! Penteou os cabelos e calçou umas sabrinhas.

O corredor estava barulhento. Viver numa residência de estudantes era o mesmo que morar dentro da universidade: não havia maneira de fugir dela e das caras familiares por quem se cruzava, nas salas de aula. No corredor, por exemplo, ouviam-se gargalhadas, música, lutas de almofadas... No entanto, era noite de sexta-feira e dali a alguns momentos, a residência ficaria vazia, com a adesão total à festa de *Halloween*.

Marta percorreu o corredor e desceu as escadas, até ao *hall* de entrada da residência.

Finalmente estava no seu segundo quarto, de regresso à universidade. Marta temia despedidas. Por mais vezes que fosse a casa, despedir-se dos pais era sempre doloroso. Prolongavam aquele abraço, numa vã tentativa de o fazer durar para os restantes dias e acenavam à janela do comboio, até se perderem de vista.

Poisou a mala sobre a cama e sentou-se a seu lado. Eram onze e meia e já não ia a tempo de acompanhar as aulas da manhã. Pensou em orientar um pouco o trabalho de História e Cultura das Artes, mas estava demasiado cansada e moída da viagem. Talvez pudesse descansar até à hora de almoço.

Empurrou a mala para o chão e deitou-se sobre a colcha da cama. Aconchegou-se em posição fetal, virada para a lateral. O lado de Júlia parecia mais colorido do que se lembrava, com novos pósteres colados à parede e fitinhas com lantejoulas.

Fechou os olhos por uns momentos e adormeceu.

Júlia entrou no quarto. Vinha a falar ao telemóvel, animada.

Marta acordou quando ouviu a sua voz e o barulho da porta a abrir.

– Pensei que ainda não tinhas chegado! – Revelou Júlia, enquanto desligava o telefone portátil.

– Hã? Que horas são?

– Estavas a dormir?

Marta bocejou, ainda estremunhada.

– Que horas são? – Repetiu.

Júlia olhou para o relógio de pulso.

– Perto das seis da tarde.

Marta pestanejou.

– Devo ter adormecido. – Resmungou. Deitou-se na berma da cama. – Que chatice.

Júlia sorriu.

Duas semanas tinham passado a correr.

Era sexta-feira à noite. Marta voltou a ter o quarto só para si, com a ausência de Júlia a passar o fim-de-semana em casa. Por incrível que pudesse parecer, Júlia tornara-se numa das duas pessoas com quem mais conversava, ali. Micaela cumprimentava-a pelos corredores e ainda se sentavam juntas à mesa do refeitório, mas sempre em grupo e com conversas superficiais e casuais.

Ultimamente, sentava-se sempre ao lado de William na aula de História e Cultura das Artes. A princípio, os colegas da equipa de futebol, faziam alarido, mas depois a sua amizade começou a ser uma coisa banal. Não sabia se William e Débora tinham realmente algo – a conversa sobre isso nunca se tinha concretizado. A verdade é que eles continuavam a sair, maioritariamente em grupo. Se tinham, parecia não haver problemas... Pelo menos Débora nunca lhe dissera nada – mas não é que fossem propriamente amigas.

Ao sair do quarto, esbarrou numa caixinha branca quadrangular.

“Para matar qualquer réstia de tristeza

Will”

Marta sorriu quando a abriu e se deparou com um par de *macarons* coloridos de frutos vermelhos e limão.

Colocou a caixa por baixo do braço e desceu as escadas. Ia para a biblioteca, estudar para os testes que se avizinhavam e avançar no trabalho da História e Cultura das Artes.

A biblioteca estava vazia. O lugar onde costumava sentar-se estava vago, como que aguardando por ela. Marta acendeu a luz do candeeiro suspenso e poisou os seus pertences em cima da mesa.

Sentou-se.

Antes de abrir o computador, mastigou um dos *macarons* crocantes por fora, macios, por dentro. Eram realmente bons! Não sabia se eram a cura para a tristeza, mas a verdade é que se sentiu melhor depois de comer o pequeno doce.

William estava no *ball* da residência feminina. Encontrava-se encostado ao balcão, cantarolando e tinindo os dedos impacientes, apesar dos olhares vagos e pouco amistosos da funcionária.

Marta desceu as escadas.

– Ah! Finalmente. Pensei que te tinhas esquecido! – Disse-lhe.

– Olá para ti também! – Cumprimentou Marta. – Não me esqueci. Se bem te lembras, enviaste-me uns quinze *e-mails* a dizer “Não te esqueças!”.

– Ah! Então sempre os recebeste. – Notou.

Começaram a caminhar pelo passeio.

– Parece que sim!

– Como não respondeste, fiquei na dúvida.

– Era para responder?

William sorriu.

– Quando vais comprar um telemóvel?

– Não sei. – Disse. – Vocês passam o dia todo em volta do vosso, como escravos. – Notou. – Eu não sei se quero isso, para mim.

William levantou o sobrolho, admirado.

– Só por causa disso, vou desligar o meu para sempre! – Retirou o pequeno telemóvel do bolso do casaco e desligou-o.

– Por vezes o “para sempre” dura só um segundo! – Disse Marta, lembrando uma das frases do livro da “Alice no País das Maravilhas”.

– Bem! Não importa. – Proferiu William. – Já o desliguei. É como se não existisse. – Notou. – Agora, se alguém nos raptar, não há maneira de pedir ajuda. – Referiu.

– Maravilhoso! – Brincou Marta. – Quanto achas que pediriam pelo nosso resgate?

William semicerrou os olhos e não respondeu.

Andaram cerca de vinte minutos a pé, pela cidade.

Férias de Natal!

Mas para Marta, ainda não.

As residências de estudantes estavam praticamente desertas! Tão vazias que parecia que qualquer ruído no corredor fazia eco.

Júlia estava deitada sobre a cama, em decúbito dorsal. Estava a atirar uma bola de borracha cor-de-rosa e amarela, contra o teto, e a apanhá-la com as duas mãos.

– Somos os únicos resistentes. – Bufou. – Tenho saudades da minha cama. – Disse.

Marta sorriu-lhe, sentada à secretária a ver o correio eletrónico.

– Está quase. – Sossegou-a.

– Parece um século. Quanto mais perto, mais ansiosa fico! – Disse. – Aposto que eles se estão a divertir na neve, a fazer bonecos e a esquiar. – Suspirou Júlia.

Marta fechou o portátil e cruzou os braços, deslizou na cadeira de modo a ficar virada para a colega.

– Podemos sempre ir ao *Pão-de-ló* buscar uns doces, antes de irmos para o anexo. – Sugeriu.

– Estou *farta* daquele anexo! – Choramingou Júlia. – Mas os doces parecem uma boa ideia! Um pouco de açúcar vai acalmar a minha alma dorida.

Marta atirou-lhe o unicórnio de pelúcia que estava em cima da sua cama.

– Levanta-te! Vamos. – Ordenou.

Júlia deslizou pela beira da cama, como um pedaço de manteiga derretida mas lá a seguiu pela porta, até ao corredor desabitado.

– Estás a ouvir?

– O quê?

– Precisamente... Nada! – Salientou Júlia.

– Podemos sempre cantarolar. – Lembrou-se Marta.

Júlia semicerrou os olhos, enquanto descia as escadas – uma perna a

pedir licença à outra – atrás dela.

– Anda, lesma! – Incitou Marta.

– Estou a ir. Calma!

– *É Natal, é Natal, tudo bate o pé...* – Começou Marta.

– Ainda não é Natal! Natal é só quando *eu* chegar a Andorra.

Chegaram ao *hall* de entrada. Só faltavam mais três degraus para estarem na rua.

– *Vamos pôr o sapatinho lá na chaminé, hei!* – Disse, saltando as escadas a olhar para trás.

Sem ver, esbarrou no peito de William.

– Desculpa... – Referiu Marta, as faces a corar que nem um pimento vermelho.

William riu-se.

– Vocês estão animadas! – Notou, por cima dos óculos escuros. – Digo, para quem vai ficar mais uns dias, por aqui. – Concluiu.

Júlia, finalmente, descera as escadas, à velocidade de um caracol.

– Eu não estou. – Resmungou. Sentou-se nas escadas e retirou o telemóvel do bolso, começando a mexer nele.

William fez-lhe um sorriso divertido.

– Tens restos de tinta, nos cabelos. – Notou.

– E não só... – Acrescentou Júlia, amuada. Manteve os olhos no pequeno ecrã.

Marta encolheu os ombros, desculpando-se pela atitude da colega.

– Então, vais finalmente de férias! – Disse-lhe.

William poisou o saco de viagem por entre os pés. Colocou os óculos de sol, na cabeça.

– Sim. O meu pai já está em casa. – Contou. – Devemos ir pescar para o rio, se o tempo colaborar.

– Eu nunca pesquei nada. – Refletiu Marta.

– Nunca?

– Quer dizer, uma vez tirei um peixinho do aquário, com uma rede. Ele estava a boiar de barriga para cima e a minha mãe obrigou-me a deitá-lo pela sanita.

Finalmente a caminho de casa!

Os pais apanharam-na na estação e seguiram diretos para casa. As árvores perto do ringue de patinagem já estavam enfeitadas, com gambiarras luminosas de cor vermelha e verde. O *poster* de Luan lá continuava, descolorado e esmorecido, como uma folha de revista esquecida num banco de jardim.

– Finalmente em casa! – Disse, num suspiro, assim que o pai estacionou a viatura.

Entraram em casa. A mãe tinha enfeitado o corrimão das escadas, com uma grinalda de ramos de pinheiro e pequenas pinhas castanhas de extremidade branca.

– Esperei para fazermos a árvore juntas! – Disse-lhe a mãe. – Amanhã podemos ir comprar uns enfeites novos.

Marta sorriu.

– Cheira-me a bolinhos de abóbora! – Exclamou, entusiasmada.

Sentou-se ao balcão da cozinha e retirou um dos bolinhos do prato. Ao invés da sua forma oval, encontrou uns bolos com figuras indecifráveis, um pouco espalmados e com saliências irregulares.

– Estão com uma forma diferente. – Notou.

– Desta vez, fui eu que os fiz. – Disse o pai.

Marta pestanejou, surpresa.

– De certeza que é seguro comê-los? – Brincou. – Não são radioativos?

O pai riu-se. – Prova!

Marta levou o bolinho castanho alaranjado à boca e deu uma dentada. Agarrou-se à garganta e fingiu estar a sufocar mas depois riu-se perante a cara do pai.

– Estão ótimos!

– Por este andar, qualquer dia posso dispensar a Sr.^a Margarida. – Notou a mãe, fazendo referência à empregada.

– Sim. Se quiseres andar com camisas engelhadas. – Salientou o pai.

Já era de manhã.

Tinham passado a noite de Natal junto à lareira, embrulhados em mantas e a jogar Monopólio, com músicas festivas a acompanhar, chocolate quente e bolachinhas. Nancy tinha-se juntado a eles, depois da ceia e acabara por dormir lá.

Durante a troca de presentes, Marta recebeu umas pantufas novas.

“Porque os teus porquinhos já estão a modos de virar churrasco.” – Dissera-lhe o pai.

As pantufas de Marta eram agora dois ursinhos castanhos, novos e sorridentes. Mas, mesmo assim, não conseguira desfazer-se dos porquinhos. Sabia que eles estavam velhos, gastos, defeituosos até! E que, provavelmente, já era uma vergonha andar com eles naquele estado. Mas, mesmo assim, guardou-os debaixo da cama.

Sentia que, a pouco e pouco, tudo ia sendo substituído: os enfeites de Natal, as pantufas dos porquinhos, o *poster* de Luan... Exceto Luan! Porque as pessoas não eram substituíveis! Os seus moldes eram partidos, depois de terem sido criados... impossíveis de igualar.

Acordou com esse pensamento na cabeça. Suspirou.

Olhou para o teto e depois para o lado, onde estava Nancy a dormir em decúbito ventral, com a boca aberta. Os cabelos ruivos enfiados, sobre a sua cabeça.

Sem pensar muito, atirou-lhe uma almofada.

– Já é de manhã? – Resmungou Nancy, de olhos fechados.

– Praticamente. – Disse-lhe.

– Parece que ainda agora fechei os olhos. – Notou Nancy. – O que vamos fazer hoje?

– Sei lá. Podíamos ir patinar no gelo? Tenho saudades.

– Sim. Depois digo ao Milton para vir ter connosco. – Referenciou o namorado.

Marta esticou a mão e alcançou o computador. Estava curiosa por saber se William havia respondido.

Ligou o aparelho e vasculhou a caixa de correio. Sorriu ao ver o nome

do amigo. A mensagem tinha sido enviada há poucos minutos.

“ *Feliz Natal!*

Só hoje consegui ver o teu e-mail! Estamos num lugar com pouca rede pelo que é difícil aceder à internet... (Que drama!)

Então não me imaginas com roupa de pescador?

Olha que eu fico bem sexy com ela! (foto em anexo).

O pinhal não me assusta! Mas obrigado pela preocupação.

Parece um projeto interessante, esse das pinturas!

Depois manda fotos.

Will.”

Marta descarregou a foto e sorriu quando a abriu.

– Porque estás a sorrir? – Perguntou Nancy, afastando os cabelos desgrenhados da face.

– Eu não estou a sorrir. – Disse Marta.

– Ai estás, estás!

Marta corou. Riu-se envergonhada.

– Não estou nada a sorrir!

Nancy aproximou a sua cara à dela e Marta deu uma gargalhada.

– Queres parar com isso? – Pediu-lhe.

– Pareceu-me mesmo um sorriso! – Notou Nancy, divertida.

– Estou só a ler um *e-mail*. De um amigo. – Contou.

Nancy pestanejou.

– Alguém interessante? – Espetou a face agora no ecrã do portátil.

Marta mostrou-lhe a foto que William lhe enviara. Estava em pé, uma das pernas dobradas e poisadas sobre um tronco de pinheiro cortado. Estava com o “tal” fato de pescador, botas de borracha e segurava um peixe na outra mão.

– Um pescador!?! – Exclamou Nancy.

Marta deu-lhe um pequeno encontrão com o ombro.

A alvorada anunciara-se com um dia sombrio. Marta levantou-se primeiro que Júlia mas, mesmo assim, ainda apanhou fila para utilizar a casa de banho.

As aulas tinham começado! Lentamente. Embora enérgicos, os alunos estavam mais lentos e desconcentrados. – Efeitos secundários das férias.

À hora de almoço, Marta sentou-se no refeitório. William acenou-lhe, de longe, a dizer “falamos mais logo”. Estava na companhia de Débora.

Marta acenou com o rosto, em concordância. Ainda não tinham falado convenientemente, desde que as aulas haviam começado.

Os dias estavam mais preenchidos, principalmente porque também tinha que se reunir no anexo, para remendar o “pincel”. Era uma luta contra o relógio.

Deslocou-se até à biblioteca. O *ball* já não estava decorado. Todos os vestígios de Natal tinham sido retirados, como se nunca ali tivessem estado. Àquela hora, a biblioteca estava cheia. Felizmente, a sua mesa, ao pé da janela, estava vaga.

Marta sentou-se na cadeira. Ficou a olhar para a rua, por momentos. As nuvens aglomeradas e cinzentas dominavam o céu. Começou a chover. Uma chuva grossa, que batia nas janelas e escorria em pequenos riachos.

Estava escuro ali. Acendeu a luz do candeeiro e retirou os livros de dentro da mochila. O seu estojo caiu ao chão. Revirou os olhos, aborrecida. Agachou-se para apanhar as canetas espalhadas. Foi, ao levantar os olhos, que se deparou com as letras vincadas na mesa, na lateral: *A. S.* – Seria a mãe de William? Poderia não ser... mas também poderia ser!

Sorriu. De uma maneira ou de outra, teria de lhe mostrar.

Já estavam todos no anexo, quando Marta ali chegou. De caras amuadas e cansadas.

– Pelo menos, está quase pronto! – Disse Manuel, sentado na cadeira, com os pés em cima da mesa. Tremelicava com um pincel limpo, numa

Amanhã raiara. Escura e cinzenta.

Marta estava na cama, os olhos fechados mas a mente desperta. Tinha passado a noite com sonhos agitados, ora sonhava com Luan, ora o rosto de William aparecia, à sua frente.

Sentia-se mal. Como se o seu estômago tivesse dado um nó e subido à sua garganta. Não percebia muito bem o que se tinha passado na noite anterior, depois do cinema. Eles estavam bem, como os grandes amigos que eram, só que depois já não! Numa questão de segundos, tudo tinha mudado.

Luan dizia-lhe para não pensar muito nas coisas. Para viver e sentir um dia de cada vez. Viver o momento presente! Mas tudo tinha mais sentido quando ele ali estava. Aquela era a política dele, que estava a morrer, não dela.

Enrolou-se ainda mais na cama, o corpo virado contra a parede. Não percebia os seus sentimentos por William, mas sabia que eles existiam, mesmo que lutasse contra eles. Era como se tivesse estado cega durante todo aquele tempo. Seria?

Mas ainda havia a questão de Débora. Parecia que eles estavam realmente juntos. Eles passavam grande parte do dia juntos! Mas, se assim fosse, ela própria também passava tempo com ele pelo que, ao pensar naquilo agora, era tudo muito estranho!

Júlia entrou no quarto, vinda da casa de banho. Bocejou.

– Estás a dormir? – Perguntou-lhe, em tom baixo.

– Não. Estou a fingir-me de morta. – Referiu, mantendo-se virada para a parede.

Júlia deu um riso suspirado.

– Realmente, parece isso!

Marta ajeitou os cobertores, de forma a tapar o rosto inchado.

– Como correu o cinema ontem?

Marta queria dizer-lhe. Contar-lhe. Mas não podia. Em vez disso, preferiu guardar para si.

Olá, eu sou a Melissa

Zelando pela natureza, ao planificar este livro, certifiquei-me de que não haveria desperdício de papel.

Houve o cuidado de trabalhar o texto para ser lido com facilidade, mas não se exageram os espaços entre linhas, nem se criaram espaços mortos. Criou-se harmonia e espaço para respirar, mas sacrificou-se o volume em nome da ecologia.

A título de curiosidade, também a tinta e o papel em que o livro foi impresso são ecológicas e biodegradáveis.

Por cada 30 exemplares vendidos vou plantar um girassol como símbolo de felicidade e energia positiva. Se o leitor quiser poderá também plantar um girassol em homenagem a este livro, e pode enviar-me fotografias para o meu email ou rede social – como achar mais conveniente!

Pode encontrar os meus contactos junto com a minha biografia e bibliografia.

E por falar em não desperdiçar papel...

Aproveito para anunciar que no meu blogue:

<https://melissadeaveiro.blogspot.com/>

vai estar disponível a referência aos filmes mencionados no livro, para o leitor poder ver ou rever.

E também vou disponibilizar a playlist das músicas que acompanham esta nova aventura da Marta.

E também... Surpresa, é preciso ir mesmo lá, vai valer a pena!

E fica aqui a referência aos livros mencionados nesta história:

O Triângulo das Bermudas - A história incrível de estranhos e inexplicáveis desaparecimentos - Charles Berlitz - Edição: Integral, 1974.

Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll; (Publicado pela primeira vez em 1865)

Entretanto, para adoçarmos as coisas, no verso da página fica a receita dos bolinhos de abóbora do pai da Marta (que na verdade são da minha avó). Bom proveito!

Aceito fotos e mais receitas no meu blogue...

“Um Novo Ano” tem como protagonista a Marta que é também a personagem principal do livro “A Casa do Lado” do qual são referidos alguns episódios neste livro.

Estruturei este livro de forma a quem não tivesse lido o livro “A Casa do Lado” o pudesse perceber, mas claro, fará mais sentido ler os dois.

E tenho uma novidade, muito em breve vou reeditar o livro “A Casa do Lado” tanto para quem ainda não leu como para quem já leu e quer este novo livro ou quer oferecer a alguém.

Para quem está a ler este livro tenho uma oferta, muito, muito especial, se usando qualquer dos endereços abaixo, se inscreverem para terem o livro em pré-lançamento, fica a minha garantia pessoal que o terão a um preço praticamente de custo e, mais importante, terão acesso ao livro antes de todos os outros.

Só têm de enviar o email e manifestar o vosso interesse no livro. Serão fornecidas, na resposta, todas as informações necessárias.

A não perder!

E, para aguçar o apetite, já a seguir, fica o primeiro capítulo.

Boas leituras!

Melissa

melcaveiro@gmail.com

informacoes@tecto-de-nuvens.pt